



ANSEIOS, VONTADES E INQUIETAÇÕES ACERCA DA MANUTENÇÃO DA LÍNGUA MATERNA DOS MANOKI/IRANTXE: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA

Adriana do Carmo Ribeiro de Souza Cruz (PPGEL/UFMT)¹
adrianadocarmo17@gmail.com

Áurea Cavalcante Santana (UFMT)²
aurearsh@yahoo.com.br

Gonçalina Maria Jesus Santos (PPGEL/UFMT)³
linamaria771@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo fazer uma análise sociolinguística sobre as declarações proferidas, em uma entrevista, por seis indígenas que vivem na comunidade Manoki/Irantxe, da aldeia indígena Caititu, na Terra Indígena de Terecatinga, no município de Sapezal, no estado de Mato Grosso. Através dos dados coletados, este estudo versa por observar o comportamento linguístico dos índios refletidos por meios dosanseios, vontades e inquietações, que eles apresentaram em suas respostas, para assim, buscar formas de valorizar a identidade linguística dessa comunidade. Como procedimento metodológico, adotamos teorias dos estudiosos da Sociolinguística tais como Franceschini (2011), Labov (2008), Silva (2001), dentre outros, que abordam a relação entre as línguas indígenas e o português, e como esta última pode afetar o discurso dos índios. Pretende-se, então, fornecer um olhar introdutório a respeito de como a Sociolinguística observa e analisa a relação entre as línguas indígenas e o ensino de português, como segunda língua, para os índios. Observamos que os índios entrevistados que apresentaram, inicialmente, sentimentos contraditórios sobre a própria língua, no final acabam por entender que o processo de aprendizagem do português, língua oficial do Brasil que para eles é uma segunda língua, significa que eles devem aprender o português sem desvalorizar suas línguas maternas.

PALAVRAS-CHAVE: sociolinguística; identidade linguística; língua materna.

ABSTRACT: In this paper aims to do a sociolinguistics analysis about the statements made in an interview by six residents indigenous people that live in the Manoki/Irantxe community, indian village Caititu, Terra Indígena de Terecatinga, in Sapezal city, Mato Grosso state. Through the collected data, this work search for observing the indian linguistic behaviors reflected by their anxieties, desires and concerns, that they presented in their answers for that seek ways to value this community linguistic identity. As a methodological procedure, we adopt the theories the Sociolinguistics Scholars such as Franceschini (2011), Labov (2008), Silva (2001), among others, that analyse the relationship between the

¹Mestranda em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGEL/UFMT). Membro do grupo de pesquisa Estudos, Descrição e Documentação de Línguas Indígenas (GEDDELI). E-mail: adrianadocarmo17@gmail.com

² Pesquisadora Associada e Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGEL/UFMT). Coordenadora do grupo de pesquisa Estudos, Descrição e Documentação de Línguas Indígenas (GEDDELI). E-mail: aurearsh@yahoo.com.br

³Mestranda em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGEL/UFMT). Membro do grupo de pesquisa Estudos, Descrição e Documentação de Línguas Indígenas (GEDDELI). E-mail: linamaria771@hotmail.com



indigenous languages and the Portuguese, as second language, and how the last one can affect the indigenous discourses. Then, we intended giving an introductory point of view about how the Sociolinguistics observe and analyze the relationship between the indigenous language and the Portuguese teaching, as second language, for the Indians. We observe that interviewed Indians that shows, firstly, contradictory feelings about their own language, at last, they end up understanding the Portuguese learning process, Brazil official language for they is a second language, means that they may learn Portuguese without devalue their own mother tongues.

KEYWORDS: sociolinguistics, linguistic identity, mother tongue.

1 Introdução

Ao longo da história, principalmente nas últimas três décadas, linguistas brasileiros observaram uma diminuição gradativa no número de línguas indígenas. Tal fato chamou a atenção desses estudiosos que buscaram não apenas compreender o fenômeno *per se*, mas também defender o uso de pesquisas, dentre elas as decunho sociolinguístico, que versam por soluções para a situação, no sentido de mostrar quando uma língua está se perdendo, mais especificamente, a criarem tipologias sociolinguísticas que apontem caminhos para evitar a perda dessas línguas e, ao mesmo tempo, possibilitar a sua revitalização.

A Sociologia da Linguagem ou, simplesmente, Sociolinguística é o ramo da linguística responsável por entender as relações entre a sociedade e a língua, como também entender o comportamento linguístico de membros de uma comunidade, e de como esta conduta linguística é determinada não apenas pelas relações sociais, mas também por aspectos econômicos e culturais.

No que tange aos estudos sobre as consequências da diminuição das línguas indígenas, este artigo traz em primeira instância uma análise sobre a situação sociolinguística do povo indígena Manoki/Irantxe, da aldeia Caititu, localizada na Terra Indígena de Tirecatinga, no interior do Mato Grosso.

Este estudo teve como base as entrevistas concedidas por seis índios, dentre crianças, jovens e adolescentes, pertencentes à comunidade supracitada. Apesar de ser um relato sociolinguístico breve, os fatos apontados serviram como subsídios para se fornecer um olhar introdutório a respeito do uso das línguas indígenas dentro da



comunidade Manoki/Irantxe, bem como do conhecimento da língua materna ancestral e da participação dos indígenas na aprendizagem da língua materna oferecida na escola.

Este ensaio faz parte das nossas pesquisas de mestrado desenvolvidas no curso de Pós-graduação em Estudos de Linguagem (PPGEL/UFMT) e no Grupo de Pesquisa: *Estudos, Descrição e Documentação de Línguas Indígenas* (GEDDELI).

1.1 Os Manoki/Irantxe

Historicamente, o território indígena hoje pertencente aos Manoki/Irantxe se estendia pela margem esquerda do rio do Sangue e margem direita do rio Cravari, limitando-se ao sul no córrego Membeca e ao norte na junção do rio Cravari com o rio do Sangue, hoje oeste mato-grossense. Os índios Manoki/Irantxe tornaram conhecidos na literatura apenas como Irantxe, denominação atribuída por outros grupos indígenas. De acordo com Rodrigues (2002), são falantes de uma língua considerada isolada, ou seja, sem nenhum parentesco linguístico com as línguas estudadas.

De acordo com os dados da OPAN (2015), a comunidade Caititu foi fundada pelo senhor Lino AraxiIrantxe e a sua memória é muito importante para os moradores: “O senhor Lino, como era conhecido, deixou aos seus filhos, genros, noras, netos e bisnetos a missão de continuar buscando melhores condições de vida para os descendentes de seu povo” (OPAN, 2015, p. 31).

Atualmente, ainda que outros povos compartilhem este mesmo território, nota-se a importância das raízes Manoki/Irantxe⁴ em todos os contextos. Em relação à situação sociolinguística, percebemos que o português é utilizado nos espaços observados por nós, entre eles, a escola, interações dentro de casa. No entanto, destacamos o processo de retomada e fortalecimento linguístico, principalmente, no ambiente escolar: “hoje estamos trabalhando ativamente na rememoração do nosso idioma, de nossas histórias e dos nossos conhecimentos” (OPAN, 2015, p. 31).

⁴ Hoje, os índios residentes na aldeia Caititu se autodenominam como Manoki/Irantxe. Por isso, adotamos este termo quando nos referimos ao povo.

Os seis índios entrevistados neste trabalho pertencem à comunidade indígena Manoki/Irantxe, da aldeia indígena Caititu que se encontra localizada na Terra Indígena de Tirecatunga, no município de Sapezal, MT. A aldeia foi demarcada em 1983, e se trata de uma área protegida onde moram famílias dos povos Nambikwara, Manoki, Paresi e Terena (OLIVEIRA, 2018).

2. Metodologia

Este trabalho propõe-se observações sociolinguísticas de entrevistas sobre a língua materna com 06 indígenas da comunidade Caititu, cuja coleta dos dados foi realizada no mês de abril de 2019. Como instrumentos de pesquisa, utilizamos um questionário aberto, pois facilitava a interação social com os indígenas. Também foram utilizados diários de campo nos quais registramos acontecimentos, conversas informais gravadas e reflexões durante nossa estadia na aldeia Caititu. O questionário, além dos dados pessoais, continha as seguintes perguntas abertas:

- 1) *Qual é a sua etnia?*
- 2) *Estuda a Língua materna ? Há quanto tempo?*
- 3) *E com a família vocês se comunicam na língua materna?*
- 4) *Qual seria a sua motivação em aprender a língua materna? E sobre a sua formação profissional qual a profissão você gostaria de exercer?*

O objetivo era obter respostas que pudessem sanar as inquietações referentes a anseio, desejos, no tocante ao uso comunicativo da língua materna em seu contexto social. Tentou-se também dar um tom mais pessoal para que eles gerassem respostas em formas de narrativas, uma vez que as histórias dos entrevistados têm sido uma rica fonte de informação nos estudos sociolinguístico das línguas indígenas. Para a análise das entrevistas, fizemos alguns recortes no *corpus*, por isso, algumas perguntas não foram respondidas e poderão ser estudadas em futuras pesquisas da Sociolinguística.

Por questões éticas, os colaboradores da pesquisa serão referidos como C1 (docente, 44anos), C2 (docente, 20 anos), C3 (adolescente, 13 anos), C4 (criança, 7

anos), C5 (adolescente, 11 anos) e C6 (adolescente, 11 anos). Contudo, mediante esta pesquisa observamos nos discursos dos nossos entrevistados, a luta enfrentada em torno do fortalecimento da língua materna manifestada através de anseios, vontades e inquietações vivenciados pela comunidade. Observamos também a presença de dois professores, os quais demonstraram empenho e dedicação em aprender e também em ensinar a língua indígena ancestral.

3. Identidade e Significação

Os índios participantes deste estudo nos apresentaram uma visão ampla de como a identidade linguística contemporânea está se desenvolvendo, principalmente, no que tange à pluralidade linguística dele. Ao responderem a primeira pergunta “qual é a sua etnia?”, de um modo geral, os colaboradores responderam que a sua etnia era Irantxe/Manoki. Entretanto, há um entrevistado que se reconheceu como pertencente à outra etnia.

01 – (C6): *Sou mestiço de Nambikwara e Sabanes, [mas] identifico mais com Sabanes.*

Quando C6 se refere a sua etnia com escolhas lexicais como “sou mestiço”, percebemos no imaginário, a falta de uma identidade não construída que possui o indígena em relação ao seu próprio grupo. Percebe-se, ainda reflexos de perda linguística, “consequência da desvalorização da língua indígena em prol do português” (FRANCESCHINI, 2011, p. 58). Tal fato é evidenciado quando o entrevistado enuncia “identifico mais com Sabanes”. Entretanto, ao se deparar com a diversidade sociolinguística observamos a seguinte resposta do C1. Quando faz um pequeno relato de um ocorrido:

02 – (C1): *Eu sou índia sim e tenho orgulho de quem eu sou, não e porque eu não uso um colar não uso um anel uma tiara, e que faço uma pintura que vou deixar de ser índia o importante e aquilo que*



you are what you consider and the blood that runs in your veins. Independent [sic] of what you can live in any place you will continue to be Indian and your identity [sic].

O fragmento acima revela o contato do sujeito com diferentes identidades evidenciando a diversidade que existe e de classes sociais minoritárias e majoritárias. Nessa resposta, a entrevistada mostra como teve de lidar com diferentes identidades relacionadas aqui diretamente a língua. A língua promove um imaginário que se relaciona diretamente a identidade de um povo, de uma nação. No entanto, nos deparamos com as variações linguísticas e os diferentes registros dentro de sociedade.

Ainda hoje, pode-se assistir conflitos ao conflito entre indígenas e membros da sociedade envolvente, conflito este em que a língua é apenas um dos elementos ao lado da cultura, modo de ser e de estar no mundo. E infelizmente, na maioria dos casos, quem perde essa guerra é o indígena, sendo que não perde apenas sua língua, mas perde também seus valores tradicionais, sua espiritualidade, enfim, sua própria identidade. Ou seja, a identidade reflete significações marcantes para o usuário, sabendo que não são apenas as características físicas, individuais, o fenótipo visível, mas também outros fatores corroboram com a subjetividade do sujeito de acordo com a sua origem e a sua etnia.

Segundo Crystal (2001), “cada língua representa um conjunto de saberes acumulados, únicos, insubstituíveis, trazem conhecimentos que dizem respeito à experiência e a sobrevivência humana” (CRYSTAL, 2001, p. 9). Nesse o conhecimento se faz presente em narrativas e depoimentos enraizados, aflorando através de desejos e expectativas na manutenção e revitalização da língua materna do povo Manoki/Irantxe.

3.1 Expectativas linguísticas manifestada através de desejo em manter o uso da língua materna

Dissemos anteriormente que as identidades fazem parte da história do indivíduo atrelado a sua existência ao meio social, cultural e individual, de acordo com sua comunidade linguística seja ela majoritária ou minoritária. Nessa análise, os nossos

entrevistados C4 e C3 manifestam em seus discursos expectativas positivas no que tange à aprendizagem e à permanência da língua indígena materna. Observamos a seguinte resposta C4 para a pergunta: E com a família vocês se comunicam na língua materna?

03 – (C4): *Não. Também aqui não usa não. Só quando outros índios esta [sic] falando ai eles falam. Ai a gente tem que falar por que eles falam cada coisa.*

O enunciado de C4 revela o não contato com a língua no que se refere ao convívio familiar percebe também nas entrelinhas “também aqui não usa não”, a escolha lexical “aqui” esta direcionada a comunidade linguística. Outro aspecto importante é percebido no discurso de C3 “ai a gente tem que falar” há uma marca implícita do desejo em usar a língua no processo de interação com o outro. Em esclarecimentos posteriores C3, nos aponta o contato com a língua contrastando com seus ascendentes e familiares.

04 – (C3): *Sim mais ou menos, foi com a família, com avós e aqui na escola também nas aulas de línguas quando a professora passava.*

Com esta fala C3 enuncia satisfação por meio do contato linguístico decorrente aos seus ascendentes mesmo utilizando pouco a língua materna na escolha lexical “mais ou menos”. Também evidencia a sua presença nas aulas de língua materna oferecidas na comunidade, durante o percurso escolar em interação com outros aprendizes. Nesse sentido, William Labov (2008) declara: “crianças mantidas em isolamento não usam a língua, ela é usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades ideias e emoções uns aos outros” (LABOV, 2008, p. 215).

Os entrevistados C4 e C3 apresentam em seus discursos comunicativos características discursivas em seus anseios, C4: “Eles falam” os vocábulos nos remete a ideia que a Comunidade Linguística de fato esta correspondendo com as expectativas no

que tange a revitalização da língua. Analisamos os vocábulos salientados por C3: “aqui na escola” nos remete novamente o estimulados professores juntamente com a comunidade em manter as expectativas representadas nos discursos linguísticos evidenciados pelos entrevistados C4 e C3.

Segundo Ruth Monserrat (2010), a conquista da autonomia de um povo se espelha na conquista da autonomia de sua língua, sempre com o duplo objetivo de desbravar os segredos dessa língua sem parentesco e, portanto, sem termos de comparação com outros e de sempre colocar o estudo da língua a serviço da autonomia do povo.

3.2 O que traz satisfação em desejo futuro

O conhecimento da linguagem humana é um importante fator de coesão dentro de uma comunidade, conferindo-lhe a sua identidade e também um veículo de transmissão subjetivo entrelaçando emoção e satisfação internalizados, porém expressos em nossas atitudes comunicativas e discursiva. No entanto, vale aqui ressaltar nas análises anteriores que os entrevistados apresentaram em seus enunciados aspectos relevantes no que tange ao uso e manutenção linguística expressa em desejo e sensações positivos em relação à comunidade Manoki/Irantxe. No entanto, ao responderem a última pergunta: qual seria a sua motivação em aprender a língua materna? E sobre a sua formação profissional qual a profissão você gostaria de exercer? Os entrevistados mantiveram unanimidade nas respostas agregando com a sua vivência de um povo com a língua em estado de desconforto ameaçado a perca das suas raízes.

05 – (C5): Sabe tipo proteger sua etnia...sinto falta da minha língua materna ..meus pais não falam a língua materna a minha mãe só entende mas não fala meu pai também não fala ele só entende ...só agora tenho contato.

Nesse trecho a resposta do C5 nos revela a diminuição do uso da língua no contexto familiar, causando desconforto linguístico e gerando desejo em resgatar a língua. Verificamos que a sentença “proteger a sua etnia” fortalece o resgate das



expectativas na manutenção cultural futura da língua do povo. Averiguamos também que a resposta de C2, assemelha muito com a da C5 em relação a revitalização e o resgate da língua realçam desejo e inquietação recíprocos.

06 – (C2): *O resgate da nossa cultura, o conhecimento. E que todas as crianças que estão crescendo agora consigam falar, que não deixem o nosso costume se perder a nossa cultura.*

Ambos C5 e C2 possuem discurso indeferível, no tocante a salvar e resguardar a língua do seu povo, porém C2 reforça melhor seu discurso, declarando: “e que todas as crianças que estão crescendo agora consigam falar”, visto que na escola o conhecimento e as vontades e desejos afloram. De acordo com Rodrigues (2000), há uma ressalva na questão da valorização e preservação das línguas indígenas e do conhecimento da cultura no espaço de reprodução privilegiada, pois

A manutenção e vitalização das línguas indígenas, sobretudo na escola lugar onde o falante indígena deve perceber que tudo e qualquer conhecimento, seja por ela produzido pela cultura indígena, seja produzida pela cultura não indígena, pode ser transmitido por meio da língua (RODRIGUES, 2000, p. 12).

Em relação à continuidade da última pergunta: E sobre a sua formação profissional qual a profissão você gostaria de exercer?

Os entrevistados C5 e C2 demonstram em suas respostas unanimidade uma vez que os diferenciam apenas as especificidades curriculares das áreas de Exatas e Linguagem, o que na verdade apontam o desejo e a vontade de estar em contato com o povo transmitindo conhecimento ambos em constante interação social agregado com múltiplas informações.

07 – (C2): *Eu estou cursando licenciatura em matemática e ainda não formei estou cursando o 4º semestre.*

08 – (C5): *Sim pretendo ser professora porque me inspiro em Euzimar e Eusiane quero dar aula de Língua materna para ensinar as*



peçoas que não aprenderam ainda porque sinto falta de falar na Língua.

Salientamos ainda que C5 nos vocábulos “me inspiro em Euzimar e Eusiane” e também na frase “porque sinto falta de falar na Língua” evidencia a marca identitária e traça perfis psicológicos apresentados através de características como: vontade e anseio presentes no ser humano, podendo ser reproduzidos ou não por ações futuras, estudos a serem pesquisados futuramente

Algumas considerações

A análise sociolinguística do questionário aplicado aos seis indígenas da etnia Manoki/Irantxe mostrou-nos como os fatores relacionados à formação da identidade, desejos, anseios e vontade são fluidos e complexos no que diz respeito à revitalização e manutenção das línguas maternas dos indígenas.

Os colaboradores da entrevista discursiva se mostraram, a princípio, incomodados em manter as identidades indígenas formadas no contexto social. Entretanto, ao longo do processo, foi observada a complexidade das identidades formadas ao longo do convívio social, reveladas por meio de choques culturais e da diversidade cultural e linguística do nosso país.

As línguas indígenas, apesar de estarem todas ameaçadas e enfraquecidas, devem ter seu lugar, preservados, pois fazem parte da cultura linguística do Brasil. Um dos nossos entrevistados expressou marcas e choques em seu discurso C1, trazendo uma indignação subjetiva enraizada: “Eu sou índia sim e tenho orgulho de quem eu sou”. Diante desse desabafo é necessário dar voz a esses povos, e repensar a luta pela identidade, orgulho das línguas indígenas.

Os desejos, as inquietações, as vontades e as lutas pela não perda do conhecimento cultural deve algo a ser analisado pela perda da identidade histórica deixaria um povo sem o seu passado e as suas raízes, o resultado disso seriam jovens sofrendo e vivendo em uma sociedade desligada de seu passado e sem esperança para o



futuro. Sobretudo, ao analisarmos os discursos proferidos pelos nossos colaboradores notamos que há ainda um povo cheio de esperanças, que acredita na possibilidade de revitalizar a cultura a língua materna presente nas vozes de professores citados no decorrer das entrevistas e também presente na voz dos educadores que apesar de tantas lutas ainda são vistos como exemplo e inspirações de crianças e jovens alimentando pela subjetividade de identidades significativas visando uma emancipação social e linguística no resgate a cultura de um povo que se faz presente na história da humanidade.

Referências

- CRYSTAL, D. **La muerte de las lenguas**. Cambridge University Press, Madrid, 2001.
- FRANCESCHINI, Carmo Dulce. **Línguas Indígenas e Português: contato ou conflito de Línguas? Reflexões acerca da situação dos MaWé**. Campinas: Pontes Editora, 2011.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MONSERRAT, R. Dicionário MyKy-Português e Português-MyKy. In: MONSERRAT, R.; AMARANTE, E. A. R. (Org) **JamaxiMyKy e professores MyKy**. Campinas: Curt Nimuendaju, 2010.
- OLIVEIRA, A. F. **Línguas Conviventes: aspectos sociolinguísticos na aldeia Três Jacus – comunidade Wakalitesu/Nambikwara**. 2018. 100 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá.
- OPAN. Operação Amazônia Nativa (Org). **Plano de gestão da Terra Indígena Tirecatíngá – Sapezal, Mato Grosso**. Cuiabá: OPAN, 2015.
- RODRIGUES, A. D. Panorama das Línguas Indígenas da Amazônia. In: QUEIXALÓS, F. Renault-Lescure (Orgs): **As línguas amazônicas hoje**. São Paulo: IRDI/ISA/MPEG, 2000.
- RODRIGUES, A. D. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- SILVA, S. S. **Línguas em contato: cenários de bilinguismo no Brasil**. Coleção: linguagem e sociedade. v.2. Campinas: Pontes Editores, 2001.

Recebido Para Publicação em 03 de abril de 2020.

Aprovado Para Publicação em 30 de maio de 2020.